
O Cortejo da Princesa em Memorial do Convento

Profª Drª Nanci Geroldo

Centro Universitário ENIAC

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a carnavalização presente em *Memorial do Convento*, de José Saramago, quando dos casamentos e, conseqüentemente, da troca das princesas entre Portugal e Espanha na época de D.João V. Para tanto, tomamos como base o livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento - O Contexto de François Rabelais*, de Mikhail Bakhtin, para analisarmos tal passagem: o cortejo das carruagens portuguesas até o local da troca das princesas e a hierarquia seguida, a alegria do povo e a da realeza – um desfile carnalizado por excelência. O carnaval teve sua evolução, originando uma linguagem rica e própria, com a capacidade de expressar, ainda segundo Bakhtin, "as formas e símbolos do carnaval e de transmitir a percepção carnavalesca do mundo, peculiar, porém complexa, do povo" (1996:09)

Palavras-chave: festa, grotesco, carnavalização

ABSTRACT

The aim of this work is to present a kind of a carnival parade shown in José Saramago's Memorial do Convento, concerning marriage and consequent exchange of princesses between Portugal and Spain in D. João V era. So as to provide the reader with a clear idea, we based our work on Mikhail Bakhtin's A cultura popular na Idade Média e no Renascimento - O Contexto de François Rabelais, as a means to analyze the following passage: the Portuguese carriage procession to the place where the princesses would be traded and its hierarchy, the joy of the people and royalty – a preeminent carnival parade. The carnival evolved, developing its own rich language, which is able to express, according to Bakhtin, "the ways and symbols of carnival and transmit the people's peculiar, but intricate perception of world through carnival." (1966:09)

Keywords: feast, grotesque, carnival

1. Introdução

No decorrer dos séculos, o carnaval da Idade Média até os nossos dias teve sua evolução, originando uma linguagem rica e própria, com a capacidade de expressar o que Bakhtin denomina de “transmitir a percepção carnavalesca do mundo, peculiar, porém complexa, do povo.” (1996:09) Partindo desse pressuposto, analisamos episódio da troca das princesas por ocasião de dois casamentos entre Portugal e Espanha em *Memorial do Convento*, de José Saramago, mais precisamente quanto ao cortejo da filha de D. João V e as manifestações da carnavalização inseridas nessa parte do romance.

Em seu livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O Contexto de François Rabelais*, Bakhtin nos informa que o sentido da festa tem como início os primórdios da civilização como para, por exemplo, comemorar a chegada da primavera ou uma colheita abastada. Há, também, a ligação entre a vida e a morte, sendo esta vista sob o ângulo do “renascimento”, a origem de um novo mundo e não o fim de tudo.

Bakhtin biparte os tipos de festas realizadas no período da Idade Média: a oficial e a não oficial. Quanto ao primeiro tipo, temos a seguinte explicação:

A festa oficial, às vezes mesmo contra as suas intenções, tendia a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regiam o mundo: hierarquias, valores normas e tabus religiosos, políticos e morais correntes. A festa era o triunfo da verdade pré-fabricada, vitoriosa, dominante, que assumia a aparência de uma verdade eterna, imutável e peremptória. Por isso o tom da festa oficial só podia ser o da seriedade sem falha, e o princípio cômico lhe era estranho. Assim, a festa oficial traía a verdadeira natureza da festa humana e desfigurava-a. (1996: 08)

Dessa forma, podemos dizer que a festa tem ligação com um sentido superior do indivíduo, ou seja, pertence ao plano do “ideal”, de uma visão superior àquela que temos do mundo e da vida.

Se nos ativermos ao conceito de grotesco, veremos que haverá uma forma de transformar a realidade, uma espécie de fuga do real, haja vista o grotesco trabalhar exatamente com a(s) transformação(ões). A festa não oficial, como por exemplo o carnaval, trabalha exatamente com o espelhamento e a transformação da realidade por um breve período de tempo e que, segundo o estudioso,

(...) ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto. (1996: 08-09)

As festas do primeiro tipo distinguiam hierarquicamente os homens – cada um, de acordo com sua posição social, ocupava seu lugar, não sendo confundido com as classes mais altas ou mais baixas da sociedade. Nas do segundo, o indivíduo se sentia verdadeiramente humano, pois tinha a liberdade de estabelecer relações com seus semelhantes. O lado cômico e popular das festas tendia a apresentar um futuro melhor: abundância material, igualdade, liberdade, assim como as saturnais romanas.

2. A troca das princesas – um desfile grotesco

O casamento das princesas é um acontecimento marcante em *Memorial do Convento* haja vista a carnavalização que ocorre no episódio. Uma festa que, mesmo apresentando a diferença entre a situação do povo e a situação da família real (em termos materiais), bastante paradoxal, não deixa de ser uma data alegre, muito melhor do que as festas promovidas pelos autos-de-fé também presentes no romance.

Ainda de acordo com a obra de Bakhtin, encontramos a seguinte explicação:

Enfim, as festas particulares: casamentos, batismos, banquetes, funerais, guardam ainda certos traços do carnaval, assim como as diversas festas agrícolas: vindima, abate do gado (...). O denominador comum de todas as características carnavalescas que compreendem as diferentes festas, é a

sua relação essencial com o tempo alegre. Por toda parte onde o aspecto livre e popular se conservou, essa relação com o tempo e, conseqüentemente, certos elementos de caráter carnavalesco, sobreviveram. (1996:191)

Os casamentos, assim como os funerais, têm duplo sentido quando se referem a características do grotesco: o casamento é uma nova vida, é a perda da inocência e, conseqüentemente, o abraçar de responsabilidades que antes não se tinha conta. Lembremo-nos de que as duas princesas são praticamente crianças – Maria Bárbara, de Portugal, conta com dezessete anos e Maria Vitória, de Espanha, apenas onze. Além disso, D. José tem quinze anos incompletos. A mais velha está saindo da adolescência, enquanto os outros dois a estão iniciando.

Em termos de carnavalização, nada melhor do que o desfile de carruagens da corte de D. João V pelas estradas, as quais levam o noivo a Caia. E quem narra a passagem é um nobre, um fidalgo que conversa com a personagem João Elvas e lhe explica quem vai e como vai em cada uma das carruagens, pois Elvas “só vê cavalos, gente e viaturas, não sabe quem está dentro nem quem vai fora”. No decorrer da narração desse fidalgo, encontramos elementos grotescos tais como ditos populares. Vejamos:

Olha, João Elvas, depois do tenente e dos trombetas e atabaleiros que já passaram, mas esses conhecias tu, que foste da arte, vem agora o aposentador da corte com seus subalternos, é ele quem tem a responsabilidade dos cômodos, aqueles seis a cavalo são correios de gabinete,(...), agora passa a berlinda com os confessores do rei, do príncipe e do infante, não imaginas a carga de pecados que ali vai, pesam muito menos as penitências, depois aparece a berlinda com os moços do guarda-roupa, para que é esse espanto, sua majestade não é pobretão como tu, que só tens o que trazes em cima do corpo, e outra vez não te espantes com essas duas berlindas cheias de clérigos e padres da Companhia de Jesus, nem sempre galinha, nem sempre sardinha, umas vezes companhia de Jesus, outras vezes companhia de João, ambos reis, (...), e agora atenção, agora é que começa a valer a pena, estes coches e estufas vazios que passam são os coches e estufas de respeito das reais pessoas, a seguir, a cavalo, aparece o estribeiro menor, enfim, chegou o momento, põe o joelho em terra, João Elvas, que estão passando el-rei e o príncipe D. José, e o infante D. António (...), estas quatro estufas, aqui, levam a câmara

de sua majestade, depois vem a sege do cirurgião (...), seis seges de reserva, sete cavalos de mão, a guarda de cavalaria com o seu capitão, e mais vinte e cinco seges que são do barbeiro de el-rei, dos copeiros, dos moços de câmara, dos architectos, dos capelães, dos médicos, dos boticários, dos officas de secretaria, dos reposteiros, dos alfaiates, das lavadeiras, do cozinheiro-mor, e do menor, e mais e mais, duas galeras que levam o guarda-roupa de el-rei e do príncipe, e, a fechar, vinte e seis cavalos de mão, alguma vez viste um cortejo como este, João Elvas, agora junta-te a esse rebanho de pedintes, que lá é o teu lugar, e não me agradeças a caridade de te ter explicado tudo, todos somos filhos do mesmo Deus.(1994:302-303)

Podemos verificar que no longo trecho a presença da carnavalização e do grotesco está inserida de várias maneiras: a primeira pela forma como é narrada a passagem das carruagens e de seus ocupantes – às vezes com comentários irônicos (“sua majestade não é um pobretão como tu”), outras com a inclusão de ditos populares (“nem sempre galinha, nem sempre sardinha”). A segunda é a própria essência do grotesco – a criação de dois mundos, aqui em particular muito bem estudada – temos dois reis (Jesus e João): o primeiro do reino divino, o segundo, do terreno; além de dois mundos díspares quanto ao terreno – a riqueza do rei e a pobreza de João Elvas, que, não por acaso, também “João”.

Os dois mundos - o divino e o terreno - estão a caminho de Caia para a realização da troca de princesas; um João (o V) está interessado no casamento por motivos políticos, o outro, Elvas, está interessado em se alimentar e assistir, mesmo que à distância, à realização da cerimônia.

A ironia maior fica por parte do narrador/fidalgo – “somos todos filhos do mesmo Deus”, no campo espiritual; apenas somos diferentes em termos terrenos – uns têm maior chance, oportunidade ou qualificação para dominar o outro.

Vemos que, como era típico das grandes festas relatadas por Bakhtin, há um banquete entre aqueles que seguem o rei:

A falperra de pedintes ajuntou-se à porta das cozinhas, armou o seu coro de padre-nossos e salve-rainhas, e enfim manjou do caldeirão. Alguns, só porque comeram hoje, deixaram-se ficar por ali, a esmoer, imprevidentes.

Outros, ainda que fartos, sabendo que o pão de agora não mata a fome de ontem, muito menos a de amanhã, seguiram a pitaça que já lá ia no caminho. João Elvas, por suas próprias razões, puras e impuras, foi com eles. (1994:303)

Bakhtin afirma que “as imagens do banquete associam-se organicamente a todas as outras imagens da festa popular. O banquete é uma peça necessária a todo regozijo popular. Nenhum ato cômico essencial pode dispensá-lo.” (1996:243).

Todos se fartam do “caldeirão”, fraternalmente dividem o pão, alegres pelo alimento que lhes é dado. Para alcançarem-no, contudo, é necessário agradecer ao rei e a forma que encontram, sabedores que são de sua religiosidade, é formarem um “coro de padre-nossos e salve-rainhas” – o pai nosso que nos dá hoje o alimento e a salvação pela mão divina.

As razões “puras e impuras” de João Elvas podemos bem perceber – as primeiras referem-se ao ato de rever a terra natal e de participar, mesmo que distante, da festa; as outras, ao ato de se alimentar nesses dias de festas tendo a gratuidade da comida.

Bakhtin ainda nos fala que:

Convém sublinhar que o trabalho e o comer eram coletivos; que toda a sociedade participava em igualdade de condições. Esse comer coletivo, coroamento de um trabalho coletivo, não é um ato biológico e animal, mas um acontecimento social. (1996:246)

Claro está que as pessoas que seguiam o cortejo do rei “trabalharam” em conjunto rezando e conseguiram o coroamento de seus esforços comendo do mesmo caldeirão. É uma parte da festa popular. Essas pessoas sentem-se renascidas para poder lutar pela vida, ou pela caminhada que continua. Como o próprio Bakhtin nos explica: “O triunfo do banquete é universal, é um triunfo da vida sobre a morte” (1996:247). Matando a fome, tem-se condições de prosseguir lutando por algo melhor, por uma vida melhor, por um dia ou lugar melhor.

Quando da chegada do cortejo da rainha e da princesa chegam a Évora a fim de se encontrarem com o rei e seguirem para Caia, há uma outra festa, ainda maior:

Está el-rei à espera, com os infantes D.Francisco e D. António, está o povo de Évora dando vivas, a luz dos archotes tornou-se esplendoroso sol, os soldados disparam as salvas do estilo, e quando a rainha e a princesa passam para o coche de seu marido e pai, o entusiasmo atinge o delírio, nunca se viu tanta gente feliz. (1994:314)

Reconhecemos aqui várias características da carnavalização. Em princípio a alegria de “tanta gente feliz”, incluindo o rei e os infantes como pessoas que fazem parte da massa popular – é a quebra da hierarquia imposta durante as festas oficiais; a “luz dos archotes”, que se torna “esplendoroso sol”, é o fogo usado pela Igreja para queimar os pecadores transformado em luz alegre e festiva; as salvas dos soldados, antes realizadas pra aniquilar os inimigos nas guerras, são os vivas à rainha que chega e à princesa que irá se casar e dar continuidade à família, que se reunirá simbolicamente num único coche – é a preservação da célula mínima da sociedade, aquela que garante a perpetuação da espécie humana.

O cortejo toma seu rumo e o rei distribui uma parte de seu dinheiro com o povo:

À estrada saía o povo miúdo daquelas terras e de joelhos implorava a piedade real, parece que adivinhavam os míseros, porque a seus pés levava D.João V um baú de moedas de cobre, que ia lançando, às mãos cheias, a um lado e a outro, em gestos largos de semeador, o que causava grande alvoroço e gratidão, violentamente se desfaziam as fileiras e se disputavam os dinheiros arremessados, e então era ver como velhos e novos remexiam na lama onde se enterrara um real, como tacteavam cegos o fundo das águas lodosas onde um real se afundara, enquanto as reais pessoas iam passando, passando, graves, severas majestosas, sem abrirem um sorriso, porque Deus não sorri, ele saberá porquê, talvez tenha acabado por se envergonhar do mundo que criou. (1994:315)

Interessante analisarmos tal passagem – festiva para aqueles que recolhem as esmolas lançadas “em gestos largos de semeador”, séria para aquele que a pratica. Bakhtin, novamente, explica-nos o sentido da carnavalização desta passagem:

(...) Os representantes do velho poder e da velha verdade cumprem o seu papel, com o rosto sério e em tons graves, enquanto que os espectadores há muito tempo estão rindo. Eles continuam com o tom grave, majestoso, temível dos soberanos ou dos arautos da ‘verdade eterna’, sem observar que o tempo a tornou perfeitamente ridícula e transformou a antiga verdade, o antigo poder, em boneco carnavalesco, em espantalho cômico que o povo estraçalha às gargalhadas em praça pública. (1996:185)

D. João V não se dá conta de que não é eterno, de que o caminho que o cortejo faz é justamente em direção à renovação da vida através do casamento dos filhos. Tem o tom grave por ser soberano, mas de um povo pobre, ignorante, faminto; o povo, por sua vez, sabe o que pedir e como fazê-lo – reza para ter comida, pede piedade pela sua pobreza e recebe esmolas em moedas de cobs. A luta travada entre os velhos e os novos para buscar uma moeda complementa a idéia de transição – é a luta pela sobrevivência, pela continuidade da vida.

O jogo entre a palavra “real” (de realeza, realidade e nome da moeda) faz com que percebamos a sutil ironia – a realidade é a pobreza dessa gente, um real (moeda) bastaria para matar a fome, é tudo o que merecem. A real situação de um país em transição, de uma família real em transição (o caminho rumo ao novo). O povo ri, alegre, néscio, pelas moedas atiradas; a verdade é séria como o semblante do rei, que as atira ao povo miserável.

Encontramos no trecho acima a aplicação de algumas características das sátiras menipéias, como por exemplo, a apresentação de excentricidades – nada mais excêntrico do que um rei lançar ao povo moedas, parte de sua riqueza; uma outra característica é o emprego dos contrastes agudos, ou seja, o luxo das carruagens utilizadas tanto pelo cortejo do rei como o da rainha em contraste com a situação miserável em que se encontra o povo. A utopia social seria a terceira

característica empregada, visto o povo pensar fazer parte da festa, ou melhor, participar da festa como se fosse sua; além disso, temos o sonho e as viagens resumidos na personagem de João Elvas – o caridoso fidalgo que lhe dá as devidas explicações do que está acontecendo e a própria viagem até a terra natal.

3. Considerações Finais

O enfoque em tom mordaz da atualidade ideológica também está presente – a sutil ironia da qual o narrador se serve para tecer comentários durante a passagem das carruagens em direção a Caia, servindo-se também das falas do fidalgo a fim de mostrar as diferenças entre os ricos e pobres, em qualquer tempo, em qualquer lugar.

Verificamos que na festa analisada há sempre uma partícula da carnavalização do mundo – a quebra da hierarquia, das convenções sociais – o homem se torna, qualquer seja sua posição social – humano, no exato sentido da palavra. Ele se desvencilha de todas as amarras impostas pelas regras sociais e ri, brinca, canta, diverte-se; proclama o novo, redescobre a alegria; sente os elementos da terra – sol, água, fogo, ar - e compartilha dessa alegria com os outros.

O caráter festivo do mundo faz com que o homem busque uma nova forma de vida, distante do pessimismo que o envolve diariamente, diante das agressões que sofre daqueles que detêm o poder. Busca o renascimento de suas forças interiores para aniquilar aquilo que tenta aniquilá-lo.

4. Referências

BAKHTIN, Mikhail - *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*; tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993, 3ª edição

BERGSON, Henri. *O riso*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983

GEROLDO, Nanci. “O grotesco e as festas populares em *Memorial do Convento*”.
Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2000.
SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*: romance. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994,
13ª edição